

humanitas

Vol. LV

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



HUMANITAS

Vol. LV • MMIII



Manuel Losa revisitou o sempre interessante mito de Eros e Psique na narrativa de *O Burro de Ouro* (IV, 28 - VI, 24) de Apuleio, para concluir considerando a fecundidade artística daquele mito, desde a Antiguidade até aos nossos dias, e evocando Fernando Pessoa e o seu poema *Amor e Psique*, publicado em 1942 na revista *Presença*.

O texto de Nair Nazaré Castro Soares, “Mito, imagens e motivos clássicos na poesia trágica renascentista em Portugal”, tem a particularidade de tratar o tema do mito numa área do saber mais rara entre nós, mas de grande pertinência para o assunto em causa: a produção dramática renascentista. A autora aborda dramaturgos como Buchanan, Aires Vitória, Giorgio Trissino, Giraldo Cinzio, Diogo de Teive, Miguel Venegas, entre outros. O teatro renascentista, de inspiração religiosa ou profana e de intenção pedagógica, está profundamente modelizado pela doutrinação clássica. As próprias personagens bíblicas são tão perfeitamente assimiladas às categorias do humanismo que incarnam verdadeiras personagens senequianas — o autor que mais influenciou os dramaturgos renascentistas. A leitura desta comunicação é um importante meio de auxílio para quem quiser aprofundar o conhecimento do nosso teatro quinhentista, em toda a sua dimensão, formal, ideológica, pedagógica, parenética.

José Ribeiro Ferreira, num texto que revela o profundo conhecimento que possui dos nossos poetas, expôs o tema d’ “O mito de Narciso na poesia contemporânea”, em autores como Sebastião da Gama, Vitorino Nemésio, Jorge de Sena, José Gomes Ferreira, João Maia, Miguel Torga e Nuno Júdice, entre outros, para concluir que o mito de Narciso não é apenas o símbolo da autocontemplação estéril, mas pode também exprimir a doação aos outros, assim como pode servir de interlocutor do sujeito poético, ou transmitir ainda o esforço da descoberta interior e da introspecção.

Finalmente, na comunicação de Amadeu Torres, “Intertexto clássico e parcimónia mitológica em Frei Heitor Pinto”, encontramos uma deliciosa leitura de Frei Heitor Pinto e da *Imagem da Vida Cristã* à luz das respectivas referências mitológicas. Embora o próprio Frei Heitor Pinto refira, no início da sua obra, mais de 500 citações clássicas, entre

muitas mais retiradas da patrística e da Sagrada Escritura, a conclusão de Amadeu Torres é que existiu realmente alguma parcimónia no emprego mitonímico, se bem que o autor se tenha mostrado um teólogo moralista e asceta cristão nada fundamentalista, antes aberto a todo o contributo positivo e psicagógico da gentildade. Mesmo assim, ali se encontra uma leitura de Orfeu e de Eurídice, de Prometeu, ou dos trabalhos de Hércules. As razões da alegada parcimónia relacionam-se certamente com a necessidade de prevenir os incómodos da Inquisição e do primeiro *Rol dos Livros defesos*, publicado em Lisboa em 1561.

«Se ainda hoje são tão numerosas as abordagens da mitologia e se esta suscita tanto interesse», como escrevia Víctor Jabouille (p. 43) «é porque os mitos continuam activos.» Cumpriu-se assim o grande objectivo do simpósio: reflectir sobre a perenidade da cultura clássica, num dos elementos mais fecundos que a constituem, o mito.

Margarida Miranda

O’NEILL S.I., Charles ; DOMINGUEZ S.I., Joaquín María, dir. - *Diccionario Histórico de la Compañía de Jesús: biográficotemático*. Roma: Institutum Historicum Societatis Iesu; Madrid: Universidad Pontificia Comillas, 2001. 4 vol.

Depois do rigor historiográfico a que a Companhia de Jesus nos tem habituado na abordagem da sua própria história — com a edição de importantes obras de apurado rigor científico, como a colecção documental dos *Monumenta Historica Societatis Iesu* nas suas diversas séries, ou as histórias da Companhia de Jesus nas diferentes nações, ou ainda a *Bibliothèque des écrivains de la Compagnie de Jésus*, actualmente com 12 volumes, ou a *Bibliographie sur l’Histoire de la Compagnie de Jésus* do P. Lászlo Polgár, em 6 tomos (1981-1990), além da publicação anual de uma bibliografia histórica, na revista *Archivum Historicum Societatis Iesu (AHSI)* — eis que surge enfim uma obra há muito esperada, fruto de um incansável trabalho de centenas de investigadores (cerca de 700): o

Diccionario Histórico de la Compañía de Jesús (vol. I-IV). Foi seu primeiro director o P. O'Neill, a quem sucedeu, em 1993, o P. Joaquín María Domínguez, os únicos investigadores referidos na capa desta obra. Entre os restantes colaboradores, Portugal contou com o árduo trabalho do P. José Vaz de Carvalho, que teve a incumbência, entre outras, de tratar da província portuguesa e dos jesuítas portugueses que trabalharam nas várias partes do mundo.

A equipa de redacção do Dicionário teve o cuidado de actualizar a versão final dos vários artigos, uma vez que o ambicioso projecto (datado de 1977) demorou cerca de 25 anos a concretizar-se.

A obra inclui mais de 6000 entradas, em 4.100 páginas: 5637 biografias (que incluem personagens defuntas até 1990), 138 artigos gerais respeitantes às nações onde a Companhia esteve presente, e 328 sobre outros temas, considerados pertinentes para uma melhor compreensão da história dos Jesuítas.

As biografias constituem portanto o conteúdo essencial desta obra colectiva, e contemplam jesuítas e não jesuítas, sem esquecer os egressos, e todos aqueles que tiveram alguma relação significativa com a história da Companhia de Jesus. De cada personagem se estabelece, além da biografia, uma breve cronologia do nascimento, morte, entrada na Companhia, sacerdócio e últimos votos, cronologia fundamentada em inúmeras pesquisas em repertórios bibliográficos, bem como nos Arquivos da Cúria e nos catálogos das diversas províncias. Cada artigo remete ainda para uma bibliografia essencial actualizada, tendo em conta a vasta produção científica dos últimos anos de investigação.

Deste precioso instrumento ao serviço dos investigadores, actualmente em língua espanhola, esperam-se agora, nos próximos anos, as traduções em diversas línguas. Ele representará certamente o início de um novo capítulo na historiografia da Companhia, sempre vinculada às suas próprias fontes documentais primárias, mas dotada agora de uma forma sintética do conhecimento, que tornará o seu saber sem dúvida mais acessível.

Espera-se ainda a publicação, à parte, de um volume que virá a ser também extremamente útil aos investigadores de diversas áreas científicas,

e que consistirá num conjunto de mapas históricos da Companhia e numa relação geral dos respectivos domicílios.

Margarida Miranda